

## **BÍPEDES E QUADRÚPEDES: AS RELAÇÕES DE METÁFORA E DE ALEGORIA ENTRE CAVALOS E HOMENS – NÃO NECESSARIAMENTE NESTA ORDEM**

Rafael Velasquez  
rafaelvelasqueztg@gmail.com  
CAPES  
PPGA-UFF  
Mestrando

Este trabalho trata de examinar as relações de metáfora e alegoria que homens aficionados pelas corridas de cavalos tem com estes animais. O ponto de partida são será significado e o sentidos que estas criaturas assumem.

\*\*\*

*Prefiro cheiro de cavalo a cheiro de povo.*

João Baptista de Oliveira Figueiredo

Os cavalos são criaturas que provocam emoção estética no homem. E eles estiveram sempre muito próximos de nós, criaturas humanas. Não por acaso “o médico George Cheyne, em 1705, explicou que o Criador fez o excremento dos cavalos ter bom cheiro porque sabia que os homens estariam sempre na vizinhança deles” (THOMAS, 2010). E estes animais nos auxiliaram na agricultura como também na indústria. Eles foram o fator surpresa das batalhas e das conquistas. E, além disto, os equestres são também os heróis e os ídolos, por vezes inesquecíveis, do hipismo em alta velocidade, isto é, o turfe.

E o trabalho que o leitor tem em mão trata das relações de metáfora e de alegoria entre homens e cavalos. Para ser mais preciso se limita ao público aficionado pelas corridas de cavalos e estes cavalos, ou seja, ao Puro Sangue Inglês. O Puro Sangue Inglês, raça destina a competições em alta velocidade, é resultado da mais eficaz e criteriosa criação de equinos (cf. CARVALHO, 1998; THOMAS, 2010). O conteúdo aqui descrito é fruto, em parte, da pesquisa de monografia “*Cavalos, Rateios & Barbadas*” (VELASQUEZ, 2012) e da dissertação, em curso, no Hipódromo da Gávea, Rio de Janeiro.

Este público aficionado é composto esmagadoramente por homens, sobretudo homens que estão e passaram do que se pode chamar de idade madura – de cinquenta para cima. Atento para o fato de que o conteúdo aqui apresentando faz parte de momentos da sociabilidade descontraída masculina

em que este que vos escreve, sendo homem e heterossexual<sup>227</sup>, pode não apenas testemunhar como participar e se tornar, para o bem ou para o mal, cúmplice.

Feita esta introdução, é preciso explicar o que são as corridas. De modo direto e simples, o turfe é uma atividade lúdica de competição, em que homens se desafiam por meios de suas projeções equestres. E o dinheiro apostado é mais do que mediador desta relação, ele assegura a seriedade e a devida profundidade ao jogo. Assim faço das palavras de Geertz (1989) as minhas, acerca das brigas de galos balinesas, por concordar que “está em jogo muito mais do que o simples lucro material: o saber, a estima, a honra, a dignidade, o respeito – em suma, o *status*”<sup>228</sup>.

E mais. O dinheiro perdido ou ganho mediante as apostas torna a derrota ou a vitória do cavalo presentificada não apenas no bolso como na vida do apostador, levando consigo a ideia mesma de ruína e ascensão. E como a bolsa de aposta é o somatório da movimentação das apostas rateadas pelos cavalos mais e menos apostados<sup>229</sup> resulta num clima de malandragem e acusação entre os aficionados. Creio que isto seja mais bem ilustrado com as seguintes frases:

– Isso aqui é um cemitério de malandros – explicou Jota Santos, ex-jóquei e ex-treinador aposentado – o sujeito aqui acha que é mais esperto que o outro, mas estão tudo aí... morrendo. E nem sabem.

– Aqui só tem ladrão e filha da puta – me explicou um deles revoltado após algumas derrotas consecutivas. E completou: “Mas eu não! Venho aqui só para me divertir”.

E quem melhor para me elucidar senão Quequé? Este antigo turfista que ronda por entre as cocheiras e tem sempre uma profecia para o próximo páreo:

– Não entendo porque falam tanto de ladrões aqui dentro, nunca vi nada de suspeito. Como é que pode alguém ser roubado aqui dentro nem ninguém ver? – perguntei.

– Não é assim que funciona. Ninguém aqui coloca a mão dentro do seu bolso, nós roubamos é ali – apontando –, na pista.

---

<sup>227</sup> A percepção destas características do pesquisador só se tornou clara após uma conversa com Fernanda Azeredo de Moraes que também pesquisou o mesmo público aficionado no Paraná (MORAES, 2009).

<sup>228</sup> Este aspecto está presente também em Whyte (2005), que vale ser citado. Para os jovens de Corneville “quando não há nada em disputa, o jogo não é considerado uma rivalidade real. Isso não significa que o elemento financeiro seja mais importante que tudo. Frequentemente ouvi as pessoas dizerem que a honra de vencer era muito mais importante que o dinheiro em questão. Os rapazes da esquina consideram jogar por dinheiro o verdadeiro teste de habilidade, e, a menos que um homem se saia bem quando há dinheiro na disputa, não será considerado um bom competidor”.

<sup>229</sup> Subtraído de uma percentagem que Jockey Club retira para cobrir seus custos. Portanto, não é o Jockey Club quem paga o prêmio. E, por se tratar de ser uma atividade de rateio, as apregoações de cada cavalo são diferentes conforme o volume de apostas que são feitas.

E se roubam “ali, na pista” roubam sendo um cavalo. Seria apenas uma ligação por causa do dinheiro apostado? Retorno a Geertz (1989) e as rinhas em Bali para tentar responder melhor isso. Aproximado assim os cavalos dos galos. Os balineses possuem uma identificação profunda com seus galos. Para eles a noção de *galo* tem a funcionalidade de duplo sentido, seja na forma de trocadilhos, piadas ou obscenidades. Deste modo, os galos funcionam ali como espécies de “pênis separados, autofuncionáveis, órgãos genitais ambulantes, com vida própria”. Na língua portuguesa (mas não exclusivamente) a ideia de *cavalo* apresenta sentido, não igual, porém similar.

Como consta no dicionário Houaiss, o emprego da palavra *cavalo*, enquanto metáfora, é para pessoa rude, grosseira, estúpida. E quando não falamos sugerimos: “se cai de quatro não levanta”. E o termo designado aos cavalos para procriação, isto é, *garanhão* é associado aos homens “dados as mulheres”, “Don Juan”, bem dotado. *Potranca* é toda égua nova de até 3 anos, e por extensão de sentido trás a ideia da mulher formosa e provocante como também para qualificar seus avantajados atribuídos carnis. Somando a isto, os verbos de cavalaria como *montar* e *cavalgar* são revestidos das mesmas ambiguidades e são conjugados nas ações sexuais.

Numa conversa com Jota Santos, sobre avaliação do porte físico dos cavalos – tanto para aposta como para compra –, disse que devia observar três aspectos, segundo ele, fundamentais. Primeiramente era ver se o potro possui uma “cabeça de princesa”, isto é, uma cabeça não muito grande e alinhada com o restante do corpo. Em seguida, se tinha uma boa “peitaria”, “um peitoral largo e bonito”. E, por último e não menos importante, se tem “bunda de cozinheira”.

– Espera. “Bunda de cozinheira”? – não consegui me conter – Ora, mas por que bunda de cozinheira?

– Porque é um bundão! – e caia na gargalhada.

Noutro momento, após um páreo ter corrido, estando eu entre um grupo de “rapazes” que discutiam sobre as corridas e sobre os próximos páreos. Um deles num gesto de cabeça apontou para uma mulher que percorria a tribuna. Era uma jovem bonita numa vestido cinza esvoaçante. O seu andar e seu corpo para nós foi algo agradável de seguir com os olhos. O primeiro de nós abriu os comentários com: “Que potranca!”.

– E que *canter* bonito! De categoria! – acrescentou outro.

– Isto é favorita de *pule* de um Real! – um terceiro entrando na brincadeira.

– Essa corre em prova de grupo – um quarto.

– Só a inscrição nesse páreo é para lá de mil Reais! – outro sacramentando.

– Isso é páreo para ele! – apontando o dedo para mim.

Assim, no primeiro quadro o animal foi descrito com atributos humanos, mas precisamente como atributos do sexo feminino. No outro, ao contrário, é a jovem que passa por um processo de metamorfose simbólica em égua. E o mesmo se encontra nas “heroínas das tradições legendárias relativas à orgia báquica, *têm nomes em cuja composição entra, com notável frequência, o componente hippé... ou recebem epítetos que despertam igualmente a ideia de qualidades relacionadas a cavalos*” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1998, grifo mantidos do original)<sup>230</sup>. Portanto, os cavalos servem para adjetivar mulheres e as mulheres, cavalos.

E acontece, por vezes, da relação entre homem e animal ser mais do que simbólica. Um cavaliço comentou de forma dúbia, provavelmente distraído consigo, que ao ver uma égua trotando se sentia “atraído”. E a “história”, que Pita e Jota lembraram, de uma mulher que nos anos 70 que ia às cocheiras com o propósito de “se esfregar em cavalo manso”. Outra, em termos insólitos, vivida, porém não consumada, por mim:

Ajudava um treinador segurando as rédeas enquanto ele banhava a égua que acabará de terminar o treino com uma caudalosa ducha d’água. E ao lavar as partes genitais apontou dizendo:

– No dia que você comer isso aqui não vai mais querer saber de mulher nenhuma! Ó, não reclama de nada, não pede para ligar no dia seguinte. Se quiser, amarro as patas dela e te arrumo um banquinho.

Como se percebe, o cavalo “simboliza os desejos exaltados, os instintos” (CIRLOT, 1984) e “a impetuosidade do desejo, da juventude do homem, com tudo que ela contém de ardor, de fecundidade, de generosidade” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1998). Esta projeção simbólica e erótica sobre dos animais é uma maneira dos homens atribuírem “aos animais os impulsos da natureza que mais temia em si mesmo – a ferocidade, a gula, a sexualidade – apesar de ser o homem, e não os animais que guerreava ativo durante todo o ano” (THOMAS, 2010). E para ficar nos termos de Sahlins (2003), trata-se de um processo no qual os homens reciprocamente definem os animais em termos de si mesmo e se definem em termos desses animais.

Antes de pular para outra parte, gostaria de abrir um pequeno parêntese para algo que nesse processo que me chama a atenção: o simbolismo e a bestialidade. O significado erótico parece descambar para a confusão do referente. Num primeiro instante temos o cavalo que é descrito *como se fosse* uma mulher. Noutra o exato oposto, a mulher que é descrita *tal com se fosse* uma égua. No

---

<sup>230</sup> Outro equestre que tinha a ligações com as mulheres era o unicórnio, criatura mítica que oscilava entre o mundo real e imaginário da Idade Média. Para que um unicórnio pudesse ser capturado, contava-se, era necessária a presença de uma virgem. Pois o unicórnio ao ver uma virgem pula em seu colo (cf. LeGOFF, 2011).

entanto é terceiro onde reside a confusão, o cavalo (no caso, a égua) é *equivalente* a mulher e vice-versa.

Retornando as corridas, os equinos são os vértices profundos e absorventes do turfe. E são eles os responsáveis por minimizarem o clima de suspeitas dentro do hipódromo todos ali, sem exceção, se compreendem enquanto malandros. Não esquecendo que são os cavalos os meios por onde os homens disputam entre eles com seu *status*, presente no dinheiro apostado. Mas as suspeitas recaem sobre os ombros dos homens, mas em tempo algum sobre os cavalos.

Isto porque a criatura não-humana, diferente da criatura humana, é incorruptível. É impossível – creio eu – subornar um cavalo, nem mesmo com alfafa ou com cenouras extras. Talvez se possa dopá-lo, mas para isso existe o exame *antidoping*. E os cavalos não correm sozinhos, em cima deles vão os jóqueis. Estes sim podem ser “comprados”, mas os jogadores e turfistas sabem que jóquei algum “dá perna” para o cavalo correr. O papel do jóquei é apenas o de conduzir o animal na pista<sup>231</sup>. É verdade que o jóquei pode “puxar” o cavalo na pista para correr menos, porém existe uma Comissão de Corrida para julgar tais casos – ao menos é o que se espera dela. Por tais características, o equino torna-se superior aos homens atrás do poder de amenizar as suspeitas, como uma espécie de Leviatã, este soberano bestial<sup>232</sup> capaz de proteger os homens de destruírem uns aos outros.

Ou seja: as corridas de cavalos são *diferentes* de outros jogos justamente por causa dos cavalos. Dizer isso é dizer é o óbvio ululante, eu sei. Mas é necessário o explicitar. E para tanto mais uma pequena cena de campo:

Estava assistindo às corridas ao lado de Eduardo, economista aposentado. Estávamos aguardando os cavalos se apresentarem para o *canter*<sup>233</sup>. Uma senhora sentada próxima de nós, atrás, conversava com duas pessoas – o caixa da pule e um outro senhor – sobre o jogo-do-bicho. E como falava animada, acredito que tenha ganhado uma quantia razoável. E falava que sua estratégia era de “cercar o bichinho”.

---

<sup>231</sup> Não que não seja importante a condução. Ao contrário, a condução é vista mais como “técnica” que visa aproveitar as virtudes e as características do cavalo frente a distância e a condição da pista. Ma de qualquer forma vale a máxima de Federico Tesio: “O melhor jóquei é o que menos atrapalha o cavalo” (BARCELLOS, 2002).

<sup>232</sup> É inegável a imagem hobbesiana da desconfiança que o homem tem de seu semelhante, que é amenizado com a presença de um soberano. Segundo Hobbes, “a natureza fez os homens tão iguais” que se acaso “dois homens desejam a mesma coisa, ao mesmo tempo, que é impossível ela ser gozada por ambos, eles tornam-se inimigos” (HOBBES apud RIBEIRO, 2006).

<sup>233</sup> É o galope de apresentação que acontece antes da corrida para apresentar as condições do cavalo com o jóquei montado.

Edu pediu licença para entrar na conversa. Perguntou para a senhora qual o jogo que ela fazia. No que está o respondeu:

– Eu cerco o bichinho, meu filho. Vou bem na cabeça. Só cercandoo...

Edu voltou para mim e picou.

– Essa aí joga na desvantagem.

– Mas por que na desvantagem?

– No jogo-do-bicho você já começa perdendo.

– Por que?

– Veja bem, no jogo do bicho são vinte e cinco números, certo? Cada número é um bicho, você sabe. No jogo que ela faz você escolhe um número contra os outros vinte e quatro que o bicheiro tem de vantagem. A probabilidade do bicheiro é maior que a sua. É desvantagem.

Puxou um pedaço de papel e com a caneta começou a fazer os cálculos, para me provar. E de fato, quem joga “na cabeça”, joga com 4% contra os 96% do bicheiro. Frente a isto não me contive e comentei:

– Ora, mas aqui também é assim. É um jogo de azar como o jogo do bicho. Aqui também tem suas probabilidades.

– Á-HA! – um tom alto como se estivesse esperando por tal e qual raciocínio. E prosseguiu – Mas aqui é diferente. Na corrida tem o *fator animal!*

Mas que diabos quer dizer esse fator animal? Ora – numa palavra – a *imprevisibilidade*. Como disse parágrafos acima, o cavalo não pode ser corrompido. Ele também não pode contar das suas condições físicas e psíquicas para o páero; se está confiante, inseguro, nervoso, triste ou o que for. O centro veterinário pode suspender a participação em caso o animal apresentar claudicância ou por qualquer outro sintoma visível. Mas o cavalo por si não avisa. O cavalo é um enigma sobre quatro patas que os espectadores tentam desvendar a partir de um processo hermenêutico de estudo de histórico de corrida e estatístico aliado ao conhecimento de *pedigree* e somando ao olhar capaz enxergar os sinais no futuro vencedor.

E como me alertou outro turfista de longa dada, também vale contar esse processo personalidade de cada cavalo. Saber isso é mero detalhe. Nas palavras deles, “tem cavalo que se acovarda e desiste, por medo, falta de empenho. Agora há outros que são mais determinados e querem ganhar. E tem, ainda, cavalo que é trapaceiro e que tenta morder quem se aproxima para ficar na frente”. Isto é mais um fator que só os mais íntimos dos cavalos sabem e atentam.

Se o cavalo é um enigma, a corrida é outro. Em um páreo muita coisa pode acontecer: o jóquei e/ou cavalo podem cair, o favorito por ficar “preso” atrás dos seus adversários sem ter espaço para se desenvolver, a ferradura pode abrir, o cavalo pode sentir, até mesmo se ferir mortalmente entre tantas outras coisas, previstas e imprevistas. E é por isso que uma máxima do Edu, entre tantas, era “*cada corrida é um filme diferente*”. E, ao se admira por saber destas prováveis eventos que podem acontecer no decorrer da prova, uma jovem que acabará de assistir pela primeira uma corrida hípica perguntou ao nosso já conhecido Quequé:

– Qual foi a coisa mais incrível que você já viu acontecer numa corrida?

Segundos para a reflexão.

– Ah sim! *Foi eu acertar essa porra!*

Esse processo de escolha de cavalo que chamei de hermenêutico consiste em vários elementos que são examinados pelo aficionado<sup>234</sup>. Um deles é o conhecimento do *pedigree* dos cavalos, isto é, sua filiação. O que há de mais elementar na filiação são três elementos: o pai, a mãe e o pai da mãe. Esta informação reflete nas características familiar, se é animal para distâncias curtas ou longas – em termos turfísticos, “sprinters” ou “stayers”. Aliado ainda os históricos de campanha que os cavalos vêm apresentado e as estatísticas. E ainda outros detalhes do qual pouparei o leitor dessa enfadonha enumeração. De qualquer maneira são apenas informação *de papel*, por assim dizer.

Outro tão importante, como venho demonstrando ao longo deste trabalho, é ver o animal, de preferência vivo e respirando, antes do páreo. Aqui apresentarei algumas técnicas desta observação com base nos *dez mandamentos do apostador*, de Phil Bull – que foi um dos maiores ganhadores nas apostas hípicas inglesas (cf. BARCELLOS, 2002).

Antes dos cavalos entrarem para realizar o *canter*, eles ficam num lugar chamado padoque, onde acumula um número razoável de pessoas para ver os cavalos. “É no padoque que 80% dos vencedores de qualquer páreo ‘falam’ sobre o que vai ocorrer alguns minutos depois. O apostador tem que entender o que os animais estão ‘dizendo’ enquanto caminham”, diz o Bill. E os sinais que o provável vencedor deve exibir, lista ele, estão no pelo, na quantidade de suor, uma “atitude correta”, no comportamento com o cavaleiro que o conduz, na tonicidade da musculatura e o ritmo e a determinação nas passadas (das patas). E durante o *canter* os sinais observados são: a posição das orelhas, o movimento fluido e se diminui o ritmo quando o jóquei solicita.

---

<sup>234</sup> Chamo a atenção do meu leitor para esta nota unicamente para lembrar que me refiro ao aficionado aqui enquanto tipo ideal weberiano. Portanto, é uma ilustração que não existe em sua forma pura. Cada indivíduo tem suas peculiaridades e idiosincrasias, optando mais por ou outro elemento de análise para apostar.

No seu quinto mandamento – “tente entender os cavalos e o turfe de modo geral, antes de arriscar seu dinheiro” – Bill argumenta para quem quer se aventurar no turfe que deve se perceber para a existência de regras. “As corridas de cavalos são um esporte secular, regulado por conceitos e leis implacáveis, testados ao longo de anos de experiência. Procure entender o comportamento dos animais em competição, antes de avançar conclusões”. É isso que todo turfista quer, chegar a leis para acertar sempre. Mas, para usar outra máxima de Edu, que na minha opinião condensa todas as regras, “em corrida de cavalo a regra é a exceção”.

De modo para encaminhar à conclusão, retomarei alguns pontos. E, então, fecharei com uma pequena história, também de campo.

O significado sexual e viril do equino não é nada mais do que o próprio reflexo bestial do público aficionado. Apesar de aqui ter sido amplamente negligenciado, para os proprietários a força e velocidade dos seus cavalos simbolizavam a condição sua superioridade (THOMAS, 2010). A potência masculina e viril é uma equivalência daquilo que os homens apreciam e desejam apreciar em si. Só é levando à sério que assim o homem que assim conduzir, independente da sexualidade não ser heterossexual. E é daí que emerge o respeito.

Assim, cavalos são bons para pensar (LÉVI-STRAUSS, 1989), para apostar e si pensar. Sem levar em consideração a participação desses animais enquanto sujeito na sociedade, com seus nomes próprios. Eles se tornam, portanto, para nós, (latino-)americanos, um tabu de comestibilidade por estarem mais próximos da humanidade (SAHLINS, 2003). E, destaque, por meio deles disputa e a rivalidade contra o outro é mediada e, mais, assegurada.

A vitória de um cavalo demonstra sua superioridade frente os seus demais oponentes. E a vitória em um cavalo é se virar superior aos outros homens pela sua capacidade de ter entendido o “diziam” os sinais eqüestres que ninguém mais viu. E, portanto, a vitória se torna forma de “matar” simbolicamente o adversário ganhando o que é dele, o dinheiro. Podendo ter o direito, de os diminuir. Até que veja a hora de vir outro o diminuir, seja este um bípede ou um quadrúpede – não importa a ordem.

Corrida de cavalo e brigas de galos são elas mesmas alegorias para os homens disputarem entre si, de se humilharem. Mas todos sabem que não é nada sério, é apenas uma brincadeira. Ninguém é realmente humilhado ou acende ou desce de estados. Estas atividades lúdicas, como colocou Geertz (1989), é uma educação emocional por meio destes animais. Eles nos ensina perder como homens, como adultos. Está é a dica de cocheira sem a menor sujeira que melhor deixou Bukowski (1972) – outro aficionado pelas corridas.

só aposte quando puder se dar ao luxo de perder. quero dizer, sem depois ter que dormir num banco de praça ou se privar de 3 ou 4 refeições. o essencial é primeiro pagar o aluguel. evitar problemas. terá mais sorte. e lembre-se do que dizem os profissionais: “se tiver que perder, perca com classe”. noutras palavras, desafie os outros a derrotarem você. se de um jeito ou doutro tiver que perder, então mande tudo para o inferno, pegue alguém para dançar nos portões de saída, a vitória é tua enquanto ninguém te derrotar, até que passem por cima do teu cadáver.

E que está história sirva de posfácio.

Estava sendo com os rapazes do lado de fora da tribuna assistindo aos páreos. Ao termino do 8º páreo, como o tempo estava esfriando, um senhor comentou que o serviço de meteorologia previa chuva para o dia seguinte. Um deles nos apontou para a quantidade de urubus que sobrevoavam abaixo do firmamento. E eram inúmeros. Boneca ficou olhando para cima. Até que arriscou:

– Se aquele grupo continuar voando por ali [a sudoeste] não vai chover. Agora, se passarem a voar para lá [a su-sudoeste] vai chover.

Boneca, com isto, estava, evidentemente, demonstrando seu conhecimento naturalístico, que é ver e interpretar os sinais que a natureza estava informando, aos demais. Ninguém ali pareceu dar grandes bolas para sua previsão por meio dos urubus, ainda mais que com o passar das horas o bando não foi para su-sudoeste, o que apontava ir justamente contra a previsão do tempo dos meteorologistas.

Ninguém pareceu dar grandes atenções para o Boneca e o seus urubus. Longos minutos mais tarde, quando os cavalos entraram para fazer o *canter* do 9º páreo. Como de costume, todos pararam para prestarem atenção e examinar os cavalos. Quando o último potro fez seu galope Boneca surgiu com outra observação:

– Há muito tempo que não vejo um *canter* bonito como desse número seis [Artouche]. Que categoria de galope! Bonito, na medida, como tinha que ser. Há muito tempo que não vejo um troço assim.

E novamente ninguém demonstrou pareceu lhe dar grandes bolas. Tenho duas hipóteses para este segundo desdém. A) Talvez pelo descrédito da previsão de chuva através do voo dos urubus. B) Era um páreo para produtos de 3 anos sem vitória. E o potro Artouche – tinha uma campanha de 3 – 2º lugares, 1 – 3º lugar, e 2 - 5º lugares. O que, olhando a campanha de outros cavalos era relativamente similar. Mas por se tratar de um produto de

criação e de propriedade do Haras Santa Maria de Araras – líder na estatística da temporada 2013/2014 de criadores e 2º na estatística de proprietário – o “peso da farda” era um provável favorito a vitória. Tanto é que o totalizador sinalava que para este cavalo um favoritismo de 2,6 para 1. Sendo assim ele estava falando o que muita gente também acreditava mesmo independente ou não do seu galope diferencia do *canter*.

No páreo Artouche venceu atropelando os adversários nos 100 metros finais. Ninguém ali conosco, parecia ter acertado além do Boneca e de mim, que fui na sua onda. Outros até jogaram o cavalo, mas combinando a dupla com outro conflagrando derrota. Boneca gritou de alegria.

– Você tinha razão, no *canter* parecia mesmo... – E antes mesmo que eu pudesse concluir fui atropelado pelo seu ardor da vitória.

– Aqui – se referindo aos demais – ninguém sabe de nada. Ninguém sabe nada! É tudo neném! Tudo neném! Ninguém sabe é nada! Na próxima vez que ver um *canter* assim não vou apostar só 10 reais, vou apostar 1 milhão! 1 trilhão! E não vou falar nada. Tudo neném!

E no dia seguinte houve pancadas de chuva.

#### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- BARCELLOS, Sergio. 2002. Cavalos de Corrida: uma alegria eterna. Rio de Janeiro: Topbooks.
- BUKOWSKI, Charles. 1972. Dicas de cocheira sem a menos sujeira. In: BUKOWSKI, C. *Crônica de um amor louco*. Porto Alegre: L&PM.
- CARVALHO, Ney O. R (Editor). 1998. Jockey Club Brasileiro 130 anos: Rio de Janeiro, um século e meio de turfe. Rio de Janeiro, Jockey Club Brasileiro.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. 1998. Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Rio de Janeiro: José Olympio.
- CIRLOT, Juan-Eduardo. 1984. Dicionário de Símbolos. São Paulo: Moraes.
- GEERTZ, Clifford. 1989. A interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC.
- LeGOFF, Jacques. 2011. Heróis e Maravilhas da Idade Média. Petrópolis, Vozes.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1989. *O pensamento selvagem*. Campinas: Papirus.

MORAES, Fernanda Azeredo de. 2012. Sobre Glórias do Passado: um estudo sociológico sobre homossexualidade, espaço, masculinidade e envelhecimento. Monografia. Universidade Federal do Paraná.

SAHLINS, Marshall. 2003. Cultura e Razão Prática. Rio de Janeiro: Zahar.

RIBEIRO, Renato Janine. 2006. Hobbes: o medo e a esperança. In: WEFFORT, F. C. Os clássicos da política, 1. São Paulo: Ática.

THOMAS, Keith. 2010. O homem e o Mundo Natural: mudanças de atitudes em relação às plantas e aos animais (1500-1800). São Paulo: Companhia das Letras.

VELASQUEZ, Rafael. 2012 Cavalos, Rateios & Barbadas: uma aposta etnográfica nas corridas de cavalos no hipódromo da gávea, Rio de Janeiro. Monografia. Universidade Federal Fluminense.

WHYTE, Willian Foote. 2005. Sociedade de Esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Rio de Janeiro: Zahar.